

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

PT do Senado foge da briga contra Davi Alcolumbre

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), pode ter colocado um ponto final na votação neste ano da derrubada da jornada semanal de seis dias de trabalho por um de folga, a 6x1. Ele cancelou a sessão do Congresso Nacional desta quinta-feira, 09, com uma explicação curta e grossa: falta de acordo.

Falta de acordo entre quem e quem? Alcolumbre não respondeu, mas nem era preciso: faltou acordo entre ele e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Só há mais uma semana antes do recesso para a votação. Depois, a guerra será inevitável. Mas os senadores do PT fogem da briga por enquanto.

O governo acha que Alcolumbre quer proteção contra as investigações da Polícia Federal sobre o envolvimento de aliados seus no Amapá com o Banco Master, de Daniel Vercaro. E proteção para os senadores.

Utilizou sua velha estratégia de segurar a pauta nos temas de interesse do governo. Acabou ultrapassando o limite de pressão aceito pelo presidente Lula na sua relação com o Congresso ao derrubar a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Piorou a situação retardando a votação da jornada 6x1 na expectativa de ser chamado pelo presidente para negociar. Lula não chamou e liberou os petistas para protestarem nas redes sociais.

Em nota e em discurso no plenário, na terça-

-feira, 07, Davi Alcolumbre reagiu dizendo que a definição da pauta é prerrogativa constitucional sua, e que ele não se submete “a ultimatots ou pressões político-eleitorais”.

Senadores do PT nada fizeram. Mas deputados e militantes do partido encheram as redes sociais com críticas. O vice-líder do governo na Câmara, Rogério Correia (PT-MG), divulgou vídeo em que afirma: “Alcolumbre, vê se te orienta. Lobby vale? Você não reclama da Federação das Indústrias de Minas Gerais e da Federação das Indústrias de São Paulo, nem do grande empresariado e do capital financeiro internacional.”

Como os senadores do PT continuaram evitando o choque, o vereador do Rio de Janeiro Rick Azevedo (Psol), que é o autor da proposta de derrubada da escala 6x1 encampada pelo governo, divulgou nesta quinta-feira, 09, um vídeo denunciando:

“Davi Alcolumbre está peitando a classe trabalhadora. Mas cadê os senadores progressistas e de esquerda? Vocês só estão esperando ‘a boa’ da internet para depois dizer que votam a favor. Cadê vocês que não estão tentando nada plausível? O Davi Alcolumbre não é dono do Senado. Vocês não podem ficar só aguardando.”

De fato, os senadores progressistas e do PT não estão batendo de frente com Alcolumbre. Avaliam que ele ainda tem muito apoio entre os senadores e não querem brigar com a Casa toda neste momento. Aham que é preciso esperar as eleições. Se Lula for reeleito, aí sim, partirão para a guerra.

Independentemente deles, o líder do PT na Câmara, Pedro Uczay (SC), já anunciou no plenário: se Alcolumbre não votar até a semana que vem, a guerra está declarada.

ALEXANDRE GARCIA

Jornalista

Sonho e pesadelo

O sonho do hexa acabou agora. Para sonhar de novo não hexa só em quatro anos. Será que vamos acordar para um pesadelo de quatro anos de mandatos dos eleitos em 4 de outubro? Agora é pensar no sério. Se tivéssemos realizado o sonho do hexa, isso não mudaria o nosso futuro, mas a seleção - perdão - a eleição de outubro pode ter a chance de mudar o nosso amanhã - ou piorar. Depende não de nossa torcida, mas de nosso voto, que é coisa muito séria. Como somos uma nação festeira, festejamos nos estádios, nas praias, na avenida, nos bares, para afastar a realidade de povo sofrido. Assim fugimos da realidade que nos oprime, em vez de a enfrentarmos, modificando-a. A Declaração de Independência que no dia 4 os americanos festejaram, estabelece o direito de alterar ou abolir o sistema que prejudique a vida, a liberdade, a busca da felicidade, já que o poder dos governos deriva do consentimento do povo. Eles pegaram em armas depois dessa Declaração, para confirmar suas intenções. Aqui, nossa arma é o voto.

Nos últimos 50 anos, assisti à transformação do futebol em negócio de espetáculo, em show business. O jogador virou um artista no grande circo que compensa a escassez de picanha ou liberdade. Desvia para os gramados os olhos e ouvidos do brasileiro, para que ele seja rebaixado de cidadão a apenas torcedor. Os gritos de gol descarregam a energia, para ela não ser carregada contra os corruptos, os mentirosos, os enganadores. E multidões são usadas como audiência que sustenta fortunas para a FIFA, os clubes, os cartolas, os jogadores, as tevês, as cervejarias, os bares, os construtores de estádios em lugar de escolas e hospitais - e respectivas propinas. Aqui na capital do Brasil, o serviço público fechou às 11 da manhã, por causa de um jogo às 14 horas, reconhecendo que o futebol é mais importante que a

prestação de serviços por parte do estado.

Não é assim em boa parte do mundo. E o futebol mostrou isso neste torneio da FIFA. Até no futebol o Brasil ficou para trás. A superioridade norueguesa no campo não foi um acaso, mas um sinal. Mais velocidade física e mental se impôs à nossa lentidão mental que a cada vez mais vai ficando distante do mundo. Nosso belíssimo hino foi descoberto e aplaudido, mas estamos deitados em berço esplêndido. Deitados sobre um potencial gigantesco, amarrados por uma classe política que não investe no ensino básico, porque não quer ninguém com a velocidade mental de um Haaland. Às vésperas das convenções, os partidos não discutem ideias, planos, objetivos, mas nomes de candidatos que possam fazer gols na urna que dá poder sobre o uso do dinheiro do público, em vez de resgatar um país que se desintegra. A falta de conhecimento, compensada por futebol, carnaval, festas e praias, impede que a maioria boa e ingênua perceba que lentamente vamos afundando. É a camuflagem para não despertar nosso interesse sobre nosso próprio futuro como país. Sem perceber que se o país vai mal, nos arrasta a todos, ou, pelo menos, a maioria que não tenha alternativa fora de nossas fronteiras.

Como eu recomendei no meu canal no YouTube no dia da despedida da equipe brasileira: Guardai as vossas bandeiras, guardai! Das janelas, dos carros, das lojas, dos bares e restaurantes, dos vossos condomínios e comunidades. Guardai-as todas para serem desfraldadas no primeiro dia da Semana da Pátria. O Sete de Setembro vai ser o nosso aniversário como país independente, 204 anos. A Declaração que completou 250 anos no sábado, até hoje tem por base que liberdade, a vida e a busca de felicidade, não são concessões de governos, mas dons do Criador. A bandeira do Brasil não representa apenas uma torcida de equipe de futebol; representa cada um de nós e nos avisa que a ordem conduz ao progresso. Se nosso patriotismo só entra em campo na Copa, seremos eliminados. Nosso sonho tem que estar muito acima do hexa.

EDITORIAL

Invasão chinesa no setor automotivo em todo país

A crescente presença de veículos produzidos por montadoras chinesas no mercado brasileiro é um dos movimentos mais significativos da indústria automotiva nas últimas décadas. Com preços altamente competitivos, forte apoio estatal em seu país de origem e uma estratégia agressiva de expansão internacional, essas empresas conquistam rapidamente espaço nas concessionárias e no interesse do consumidor brasileiro.

Para quem compra um automóvel, a concorrência representa benefícios evidentes. Mais opções, novas tecnologias e preços mais acessíveis são fatores positivos em qualquer economia de mercado. Entretanto, o desafio começa quando essa disputa deixa de ocorrer em condições equilibradas.

A indústria automobilística instalada no Brasil convive com uma elevada carga tributária, custos logísticos elevados, burocracia, insegurança regulatória e um ambiente de negócios que reduz sua competitividade. Enquanto isso, fabricantes chinesas chegam amparadas por uma estrutura industrial fortemente subsidiada, com acesso facilitado a crédito, incentivos à exportação e uma cadeia produtiva integrada que reduz significativamente seus custos.

O resultado já desperta preocupação em diversas regiões industriais do país, especialmente no Médio Paraiba, um dos mais importantes polos automotivos brasileiros. Municípios como Resende, Porto Real e Itatiaia concentram fábricas que, há décadas, movimentam a economia regional, geram milhares de empregos diretos e indiretos e sustentam uma ampla rede de fornecedores, transportadoras, prestadores de serviços e comércio.

A perda de competitividade dessas unidades não afeta apenas as montadoras. Ela compromete todo um ecossistema industrial construído ao longo de anos, responsável por arrecadação tributária, desenvolvimento tecnológico e qualificação profissional. Cada redução de produção, adiamento de investimentos ou fechamento de linhas repercute diretamente sobre trabalhadores, pequenas empresas e municípios inteiros.

O cenário torna-se ainda mais delicado diante da transformação tecnológica pela qual passa a indústria automotiva. A eletrificação, a digitalização e a produção de veículos inteligentes exigem investimentos bilionários. Se o Brasil perder capacidade produtiva justamente nesse momento de transição, corre o risco de deixar de ser um produtor relevante para se tornar apenas um grande mercado consumidor de veículos importados.

Não se trata de defender o protecionismo indiscriminado nem de fechar as portas para novos competidores. A abertura comercial faz parte da dinâmica da economia global. O que se espera é isonomia. A competição deve ocorrer sob regras que preservem a capacidade produtiva nacional e garantam condições semelhantes entre quem fabrica no país e quem exporta para cá.

O Brasil possui tradição industrial, mão de obra qualificada e um mercado consumidor de grande porte. Esses ativos precisam ser acompanhados por uma política industrial moderna, previsível e capaz de estimular investimentos, inovação e produção local.

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal